

Maria Stella de Novaes

“Os italianos mudaram o Espírito Santo”

Aos 86 anos de idade, Maria Stella de Novaes vê a publicação de mais um livro de sua autoria, que vem enriquecer uma extensa bibliografia, iniciada ainda na década de 20.

“Os Italianos e Seus Descendentes no Espírito Santo” fala da chegada do imigrante, a expansão de sua atividade no Estado e a continuação da tradição italiana através de sua descendência. A publicação foi feita através do Instituto Jones dos Santos Neves, que está promovendo uma série constituída somente por livros desta historiadora.

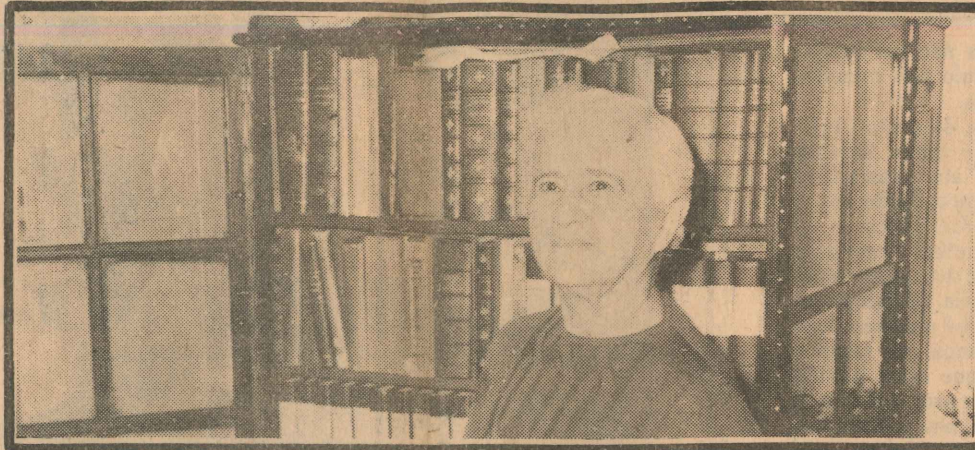
Júlio Fabris

Ao falar sobre o lançamento de seu livro “Os Italianos e Seus Descendentes no Espírito Santo”, através do Instituto Jones dos Santos Neves, a historiadora Maria Stella de Novaes faz uma confissão:

“Estava já desanimada com a falta de perspectiva de publicação de meus trabalhos quando aquele Instituto resolveu publicar uma série dedicada exclusivamente às minhas obras”. O reconhecimento de um trabalho de décadas, em que a historiadora abordou temas tão díspares como o Teatro no Espírito Santo e sua relação com a geologia. Com uma extensa relação de obras publicadas e uma não menos extensa relação de trabalhos inéditos e por concluir, ela é uma das mais

dos italianos, e o amor que dedicaram à terra que adotaram como segunda pátria. O italiano chegou aqui e passou a amar decididamente esta terra — uma postura diferente de outros imigrantes que ficaram um pouco distantes dos costumes da terra.

“Os Italianos e Seus Descendentes no Espírito Santo” foi um livro escrito a partir de observações pessoais e de consultas ao Arquivo Público, e a muitas outras fontes, como o Serviço de Estatística do IBGE. As observações pessoais datam de sua infância: sua avó tinha uma fazenda em Monte Líbano, Cachoeiro do Itapemirim, num local onde era forte a presença de descendentes de imigrantes italianos; além disso, durante toda a sua vida, pôde ter inúmeros contatos com



Maria Stella de Novaes: explorando a história do Espírito Santo

SÉRIE

Maria Stella de Novaes 1



**OS ITALIANOS E SEUS DESCENDENTES
NO ESPÍRITO SANTO**

Ela possui apenas o curso da Escola Normal, mas vem de uma época em que as coisas, em termos de magistério, eram diferentes de hoje: para poder se tornar professora da Escola Normal D. Pedro II, Maria Stella de Novaes teve que defender uma tese. Teve também que realizar uma outra tese para ser professora do Ginásio Estadual: a primeira tese data de 1923 e intitula-se “Um traço de união entre a física e a química”, estando atualmente esgotada; também está esgotada a sua segunda tese, “Entomologia Econômica”.

Apesar da necessidade de teses, Maria Stella de Novaes diz que professor em sua época era igual a servente de repartição pública — a condição do professor só teria melhorado um pouco na época de Jones dos Santos Neves. Como professora ela ensinou para o pr riário (“eu detestava isso”, comenta), tendo depois lecionado desenho e, posteriormente, Ciências Físicas e Naturais. A par desta atividade de ensino, uma contínua produção literária e de pesquisa que resultou no seu atual arquivo.

— O meu arquivo representa uma vida.

Perguntada sobre quais seriam os documentos mais importantes que ela guarda no arquivo, Maria Stella de Novaes limita-se a responder: “Todos os documentos têm a sua importância — é muito difícil destacar algum”. Na casa em que mora na rua Coronel Monjardim o arquivo ocupa um quarto que ela deixa permanentemente trancado. Ali ela deixou sua coleção de conchas e moluscos, que está disposta em dois armários. Neste arquivo há inclusive documentos sobre os italianos “que estão espalhados pelas pastas. Eu ainda preciso colocar tudo em ordem.

O PRIMEIRO TRABALHO

Maria Stella de Novaes tem

das e uma não menos extensa relação de trabalhos inéditos e por concluir, ela é uma das mais prolixas autoras do Espírito Santo e, apesar da idade, não pensa em parar de escrever. Principalmente porque vê ainda muitos assuntos do Espírito Santo que podem ser temas de livros.

Aos 86 anos de idade, Maria Stella de Novaes vive como aposentada pela Escola Normal de Vitória. Quase que totalmente surda, com a visão bastante fraca, ela continua a ler e escrever. Assina jornais locais e do Rio lendo-os diariamente; sobre sua mesa é possível ver livros recebidos recentemente. Com uma lupa, ela continua a se atualizar constantemente e está longe de se considerar em tempo de parar. Perfeitamente lúcida, faz seus planos de como terminar um livro sobre a Catedral do Arcebispado de Vitória. Se teria outro assunto que gostaria ainda de abordar? Ela é enfática na resposta:

— Eu considero o Espírito Santo uma verdadeira mina de coisas boas, sobre as quais se poderia escrever. Existem tantas coisas boas neste Estado que eu não poderia realçar nenhum assunto em particular.

Nestes últimos dias ela se mostra especialmente feliz pela publicação de seu livro sobre os italianos. Foi um trabalho de 25 anos, e durante todo este tempo ela pesquisou direta ou indiretamente a presença dos italianos no Espírito Santo, escreveu e reescreveu o livro, até que ele chegasse à sua forma final. “Este livro tem 25 anos — diz a historiadora — pois estava programado durante todo este tempo, pela grande admiração que eu tenho pelos italianos”.

“Resolvi escrevê-lo pela minha grande admiração pelos italianos e pelo muito que eles fizeram e continuam a fazer no Estado. O trabalho deles na agricultura, no comércio, na indústria foi notável. Desde criança sempre apreciei a atuação

de imigrantes italianos; além disso, durante toda a sua vida, pôde ter inúmeros contatos com italianos no interior do Estado. Mas de resto, vivendo no Espírito Santo, basta andar pelas ruas para se ter contato com a imigração italiana. Eles, segundo a própria Maria Stella de Novaes, mudaram a fisionomia humana do Espírito Santo.

— Antigamente, no início do século, diziam que Vitória era uma cidade de negros. Agora é uma cidade de brancos. Isto por causa da imigração italiana. Eles mudaram muita coisa no Espírito Santo.

A PESQUISA

Foi uma longa pesquisa sobre a imigração que possibilitou à historiadora coletar os nomes das principais famílias que chegaram no Estado, onde eles se estabeleceram, o que fizeram nos locais onde passaram a morar, e as descendências que deixaram. As fontes de pesquisas foram várias. Mas uma ela faz questão de frisar: o Arquivo Público. Ela diz conhecer este órgão intimamente; já vasculhou praticamente todos os seus documentos; o que é de se esperar de alguém que há 25 anos vasculhou os papéis do Arquivo. Ela diz que “a pesquisa no Arquivo foi fácil, pois eu o conheço muito bem”.

Outra fonte para sua pesquisa que ela sente prazer em citar foi sua atividade como professora na Escola Normal. Como os italianos, logo após a chegada das primeiras levas de imigrantes, passaram a constituir uma parcela ponderável da população, era natural que boa parte de seus alunos fosse de descendência italiana.

— Na Escola Normal D. Pedro II tive muitos alunos de ascendência italiana. Sempre admirei a aplicação que eles tinham no estudo, o interesse em conhecer tudo o que se referia ao Bras. Era algo realmente de

impressionar. Um comportamento diferente dos outros alunos.

Mas outra fonte foi bastante preciosa para Maria Stella de Novaes: o Serviço Estatístico do IBGE. Ela foi incumbida por este órgão de escrever a parte referente ao Espírito Santo, na en-

ciclopédia dos municípios publicada pelo IBGE. O IBGE tentou pagar em dinheiro o trabalho feito por Maria Stella de Novaes, mas ela se recusou a receber. Perguntada sobre o que o IBGE poderia fazer por ela, respondeu: coletar informações sobre os italianos no Estado. Desta forma, os agentes do Serviço Estatístico foram mobilizados e conseguiram boa parte da listagem de famílias que consta no livro.

Maria Stella de Novaes também tentou contactar com descendentes de italianos que vieram para o Espírito Santo e que viviam em outro Estado. Escreveu cartas para eles e recebeu de volta centenas de cartas, que ela classificou de “muito amáveis”. Em relação aos depoimentos coletados pelos agentes do Serviço de Estatística e às cartas e depoimentos recebidos, a historiadora ressalta que seu relativo domínio da língua italiana ajudou bastante na pesquisa:

— Não foi muito difícil fazer a pesquisa porque sempre encontrei boa vontade e delicadeza, mesmo dos italianos ausentes do Estado. Todos ficaram muito satisfeitos, respondendo em cartas lindas.

A ESTRELA DA SOLIDARIEDADE

A escritora ressaltou outro grande apoio: o vice-cônsul da Itália, Hilário Soneghet, falecido em 1969, que franqueou os arquivos do consulado para ela. In-

clusive o livro sobre os italianos é dedicado a Hilário Soneghet.

— Nessa época o cônsul da Itália esteve aqui e conversou comigo sobre o livro. Levou-o para ser examinado na embaixada. Apesar de estar ainda inédito, o livro foi tão apreciado que o Governo da Itália concedeu-me uma condecoração pelo trabalho, a Estrela da Solidariedade.

O último capítulo do livro é precisamente uma “oração” proferida por Anete de Castro Matos, por ocasião da entrega a Maria Stella de Novaes da Estrela da Solidariedade, numa cerimônia no Palácio do Café, em 1961. Este capítulo é precedido por oito outros, partindo de uma síntese da colonização do Espírito Santo até um estudo do Clero Italiano no Estado, onde também se aborda a presença de religiosas italianas.

O livro de Maria Stella de Novaes contém, além da pura listagem de nomes de imigrantes, relatos sobre as primeiras etapas vencidas pelos italianos no processo de ocupação do solo. Mas o livro também tem seus momentos de humor, em casos coletados pela autora. Como um ocorrido no município de Ibirapu. Um italiano recorre a uma brasileira, dizendo que sua mulher está muito mal, com dor de barriga. A mulher entrega ao imigrante um comprimido para o estômago e um colírio para os olhos. No dia seguinte, o mesmo italiano volta dizendo que sua mulher havia piorado: quando foram ver, ele havia forçado a mulher a beber o colírio, e colocara o comprimido sob as pálpebras.

Histórias como esta a historiadora conta ter coletado principalmente através de contatos diretos com os descendentes de imigrantes, ou mesmo com alguns deles. Essa forma híbrida de fazer o seu livro — em parte

baseando-o em pesquisas de campo, e em parte em trabalho de gabinete — dá um sabor inteiramente particular a esta obra de Maria Stella de Novaes. A autora dedica um capítulo inteiro à presença de italianos em Vitória: ela relata não só a presença, mas também o tipo de atividade que eles desenvolveram aqui.

ESCRavidÃO

A historiadora possui atualmente cinco livros em elaboração: A Igreja Católica no Espírito Santo; História da Literatura Espírito-Santense; Os Moluscos nas suas Relações com a Geologia, em segunda edição; O Folclore do Mar no Espírito Santo; Os Alemães e seus Descendentes no Espírito Santo. Possuiadora de um arquivo particular que já despertou o interesse de inúmeras instituições, mas do qual ela se recusa terminantemente a se desfazer, Maria Stella de Novaes é autora de um livro sobre a Escravidão e a Abolição no Espírito Santo, e que recebeu o prêmio lútero-científico da Assembléia do Estado.

— Olha, eu posso lhe dizer que já encontrei muita coisa sobre a Escravidão no Arquivo Público. O que já achei ali sobre este assunto daria um romance — um triste mas grandioso romance.

O livro sobre a Escravidão faz parte de uma extensa relação de títulos. Contudo, Maria Stella de Novaes confessa que enfrentou no Estado inúmeros obstáculos para lançar suas obras; tanto por falta de editores em Vitória, conforme ela própria declara, quanto pela falta de dinheiro.

— Foi o meu maior entusiasmo quando a Fundação se dispôs a publicar uma série de livros abordando minhas obras — eu não estava mais disposta, inclusive, a escrever. Não havia meios para isto.

Maria Stella de Novaes tem trabalhos em outros países, como o intitulado “Orquídeas no Espírito Santo”, que ela considera a primeira obra que produziu, e que tem uma edição nos Estados Unidos.

— Este trabalho sobre as orquídeas ia ser publicado também na França. Mas os submarinos alemães jogaram os papéis no fundo do mar.

Sobre quando começou a escrever, Maria Stella de Novaes força um pouco a memória, e diz que sempre gostou dessa atividade. Mas depois se lembra de um evento em particular.

— Esta é uma história que ainda não contei para ninguém. A primeira coisa que eu escrevi foi um conto para um concurso de literatura infantil. Os melhores trabalhos seriam publicados — foi na época em que estava ainda no ginásio. Mas eu não cheguei a concorrer: com medo de possíveis críticas, eu acabei escondendo o conto; quem o viu foi um padre que teceu elogios. No final das contas, aquele escrito não foi julgado, muito menos publicado.

Sobre os italianos, Maria Stella de Novaes conta que ainda gostaria de estudar sua produção literária no Espírito Santo. Ela se mostra bastante satisfeita com a publicação do livro através do Instituto Jones dos Santos Neves; considera apenas que o número previsto de exemplares — foram tirados 500 apenas — é pouco.

— Mas eu agradeço ao Instituto Jones dos Santos Neves o interesse manifestado pelas minhas obras. Eu já estava desanimada de escrever quando o Instituto me procurou e resolveu publicar os meus trabalhos.

Este apoio dado pelo Instituto pelo menos garantiu a complementação de uma lista de publicações que talvez terminasse “Os Italianos e seus Descendentes no Espírito Santo”. Ao contrário, agora ela promete mais um exemplar para breve, o da Catedral do Bispado de Vitória.